

# BALADA PARA UM MORTO & OUTROS POEMAS

**Lauro José Maia Marques**

Rua Caraíbas, 1199 –Apto 113-B

Vila Pompéia

São Paulo SP

05020 000

Fone: (11) 3801 34 39

Email: [laurojmm@estadao.com.br](mailto:laurojmm@estadao.com.br)

Jornal de Bordo e Poesias: <http://www.amaculahumana.blogger.com.br>

# SUMÁRIO

- Revolução (A busca pelo céu) (poema em prosa)
- *Post Scriptum* (poema em prosa)
- Balada para um morto (Parte 1)

Intro

I

II

III

IV

V

VI-A PESTE

VII-SUS

VIII-REVELAÇÕES

IX-A ALMA

X

XI

XII

XIII

- Interlúdio (1) (Do Amor)

I

II

III

IV-A MUSA

V-A LOUCA

VI-DEMÔNIOS

VII-SONETO (O POSSESSO)

VIII-EU FRAGMENTADO

- Balada para um morto (Parte 2)

I

II

III

IV

V-DESCIDA

VI-CANTO-DANÇA

VII

VIII-ANAXIFORMINGES

IX

X

- Balada para um morto (Parte 3)

I

II

III-A QUEDA

IV-CANÇÃO DA TERRA

V- CANÇÃO DO SOL

VI

VII-CANÇÃO DA CHUVA (O Afogado)

VIII-CANÇÃO DO NAUFRÁGIO

IX

X

XI-RARO

XII

XIII-O CAMPO DE BATALHA

- Interlúdio (2) (Pequenas Baladas)

1

2

3

4

5

6

7 QUADROS

Tríptico de Bacon

I

II

III

8

9-FÁBULA

10

11-EM FRENTE AO MAR

12-VERÃO

- Balada para um morto (Parte 4)

I

II-REINAI NESSA CANÇÃO

III-DANÇA

IV-*BROKEN-BALLAD*

V

VI

VII

VIII

IX

## X-POESIA ACIDENTAL

- Balada para um morto (Epílogo)

I

II- A ALQUIMIA DO VERBO

III

IV-A CANÇÃO DO NAVIO

V-CANÇÃO DO RIO

VI-CANÇÃO DO INSTANTE-DISTANTE (LÍRICA)

VII

VIII-ELEGIA

IX-ENVOI

## ANEXOS

HISTÓRICO DE PUBLICAÇÕES

FORTUNA CRÍTICA

“EM CERTEZAS” 20 POEMAS (WORK-IN-PROGRESS)

“Devemos entrar na morte como quem entra numa festa.”

Jorge Luis Borges

“Quero ir para a morte como para uma festa ao crepúsculo.”

Álvaro de Campos

A horda dos assassinos, bárbaros, uma nuvem negra avança.

**REVOLUÇÃO**  
**(A busca pelo céu)**

## **INTRO:**

A alquimia das formas. Noites perdidas de insônia. Um abismo me separa do mundo agora. Busco as alturas. Folga-me ver tão distante —antes que rompa a aurora.



Vi o mundo dos fogos de artifício. Achei-o impenetrável. Deram-me de comer os ossos e eu lhes pedia carne! Romperam comigo todos os meus laços. Procurei novas formas de vida. A humanidade parecia cansada. Arranquei-lhes um último suspiro.

Àqueles implorando perdão eram os seus deuses. Homens tolos sem imaginação. O céu ameaçava cair. No inferno reinava a paz, eram temidos. Não lhes incomodava a enxurrada de preces —

A mensagem chegou até mim agora. Ah, a preguiça, a lascívia, a lentidão! Como compor sem ser atormentado? Ah, a inércia! A realidade, o ópio das massas! Uma greve de relógios e o tempo pára. Rumo ao Norte! Já é tempo de se ouvir meu chamado.

§

Uma visão há muito restrita. Era a glória dos ineptos. Os céus pareciam fechados. Prevejo uma enxurrada. Haverá sábios sobre a terra. “Erra o homem enquanto se esforça.” O novo conhecimento! A taça transborda. A nova linguagem será cifrada.

§

Os temores do sexo. A mim já se ia larga vantagem. Buscava o conforto na poesia, na letra morta. Salvaguardava a mim próprio. Abandonei todos os cursos. Aviltava-me uma idéia. Quis compor uma obra de fôlego... Vi cair um a um todos os meus sonhos —

A reconstrução dos corpos! Partirei do princípio novo. Contarei uma história antiga —o domínio das técnicas! O rumor das ondas!  
Tudo aquilo me exasperava.

§

Quero feder, exalar todos os malcheiros do meu corpo. Agora estou no topo de minha covardia —e eis que me apraze. Despi os sete véus de minha loucura. E fui exorcizado. As melodias e os sons me agradam. E os ruídos... Ah, os ruídos! Que bela forma de matar o silêncio!

§

Eu era judeu três mil vezes maldito. Principiava a conhecer a mim próprio. O TRÁFEGO DAS ILUSÕES, A VISÃO REPENTINA, O FRACASSO DAS FORMAS —SANTOS EM COMUNHÃO AO PÉ DO ABISMO. Impropérios. Desenvolvi então um sexto sentido: o sentido das coisas —uma idéia que não foi ainda

bem trabalhada. Construirei algo em cima das reticências... Causa-me horror a transparência das fórmulas acabadas —A multidão se agita, teria algum sentido naquilo tudo? A crueldade é um vício —Um corte rápido, uma quebra no ritmo —Ah, a soberba ignorância! Os deuses pareciam maiores vistos de longe.

§

Minha insensatez era agora imensa. Assim como minha má vontade. Busquei trabalho pesado! Fui cem vezes execrado e infeliz na escolha. Vamos direto aos fatos: Sou eu tal como a abelha no labirinto à procura do mel. Uma vez apreendido o caminho, não torna a recair no erro. Um exemplo prático. Eu que odeio a praticidade! Fosse-me dado escolher novamente! Que ciência inexata! Que aridez de princípios! A força que me impulsionava me punha a recuar. O esvaziamento das idéias, meu maior temor. Punha-me a delirar. A lucidez há pouco perdida. Travo batalhas comigo mesmo... A continuidade perdida! Extasiado aos pés da loucura, rogo o perdão das minhas dívidas.

§

Realmente eu estava enciumado. Um pouco mais e eu os ultrapassava, os tolos. Ah, maldita seja a mediocridade! Poucas vezes me senti tão culpado. Eram troças e pândegas o que eu fazia, os sentimentos me estagnavam —Olhei para cima de mim mesmo e vi as nuvens e abaixo de mim as nuvens —Ah, mas quem vai realmente compreender isso? Que linguagem mais tosca essa minha... A pérola na boca do peixe é alimento... Enfermidade... Eu devia estar enfermo. Elaborei toda uma teoria em cima de sofismas.

§

Os temores agora estão em larga escala. O meu físico me aborrece com as suas fraquezas. Há muito tempo não punha na boca nenhum veneno —nenhum forte o bastante. Satisfazia-me com o pouco que restara da dor que eu experimentara antes — E mesmo assim não era o bastante! Deuses! Gigantes! Clamo de vós a memória! Ah, os exageros da forma... Ócio nenhum me seria mais custoso.

§

E tinha os perigos do desenvolvimento... Ah, e as trovas... Que belas canções e roteiros! Fui completamente tomado por seus espíritos. Era eu ali apenas mais um peão num jogo de damas. E como me sentia estúpido! Ah, se meu coração parasse agora... Que sensação mais vaga de ânsia! —Esse é o meu corpo, essa é minha alma. Não pode vê-los? Estão juntos! —Deixe-me esvaír agora... Vou trôpego, como não? É tão distante tal sítio? Haverá caminho sem volta? Todas as minhas dúvidas postas de lado, que valor eu tenho? Resta-me o consolo dos fracos, o perdão dos necessitados, odeio a todos! Fuga essa tão estranha... Recriarei a ordem dos fatos: 1º) O que há para

ser criado?; 2º) O que há para ser destruído? Estarei me repetindo? Convençam-me. É inútil a essa altura qualquer análise. Nenhuma delas me parece justa... Falta-me fôlego. Chamem os médicos, internem-me. —A eternidade não me parece o suficiente.

§

Quando tudo acabar dormirei cem dias. Ah, mas que falta de brio! No paraíso escarnecem de mim... A terra tal como é me foi negada —Um cachorro anda três vezes em círculo antes de se deitar —Sanaram todas as feridas! Eis aqui as chagas! A vida inteira foi uma brincadeira atroz. A morte uma dívida não paga. —Cristãos! Ressuscitai-me!

§

Já me vou longe agora... Que bela embrulhada eu me meti! São cem léguas para um pobre andar! Dêem-me água! E não esse vinagre! Mas chega! Todos os pedidos soam falsos, todas as preces são injuriosas, antes a morte honrosa à súplica... Como? Já amanhece? É tão tarde? É a noite? Consumiu-se assim mais de uma hora... Ainda me recordo de minhas palavras ontem. Uma onda me trouxe até aqui. Pois que me leve de volta! Ah, que céu sem nuvens! E as quero pesadas! Não se chove mais em terra tão árida. Onde estão teus frutos ò tão bela árvore? Ah, mas vejo agora, tuas folhas, tão ressecadas! Por que tudo que nasce também morre? Cresçam saudáveis as crianças! Engordem o peru antes de matá-lo! Que discussão sem propósito! De tal efusão não sairá nem um caldo, tampouco um lenitivo para a alma... E o que se espera que se faça? Acha-se graça então... Fora do mundo! Um mundo!... E partem os navios em busca do ouro...

§

Quantas glórias eu terei perdido, quantas vezes eu me vi como agora? É preciso um caminho que se trilhe... Uma carga pesada nas costas! E lá se vai o infeliz... O arcabouço de uma história...

§

Haverá outro lugar? Uma terra estranha? Pois leve-me daqui... Quero visitar tal país! (Tenho dois olhos e enxergo tudo.) Vida que prossegue... Do fundo do palco ouvem-se risadas...

§

Experimentem isso agora. Ponham-se no meu lugar. Acham justo? Ah, mas sei que gostariam de me roer os ossos se pudessem fazê-lo. Cambada de preguiçosos! Querem algo mais vulgar? Mudo os cenários, transponho a peça... Ah, mas não adianta... Ainda seria eu mesmo. Um pouco de ar... Não me abandone o espírito... Mas

eis que torna. Ainda impuro? Regalia-me de sujeiras as mais execráveis, é disso que eu preciso. Os maus odores, as glândulas sebáceas... Flagrei-te mesquinho, o diabo não me escapa mais... E que vias percorre? As ruas desertas... Aqui estás sozinho, não há ninguém nesse hemisfério. Mas não me dou por vencido. É preciso ir mais além...

Que dia especial é hoje!

(À minha frente há um deserto. Só meu senso de humor me permite ir adiante... Uma nova idéia! Corri até a janela para ver a banda das almas brancas subir o morro —Os céus?).

## **POST - SCRIPTUM**

Havia eu me perguntado se acaso existe caminho sem volta? Pois bem, tomei a direção errada. E o destino providenciou-me os espinhos. Ah, mas são frutos tão doces esses ainda em floração na primavera! E assim também o são no estio... E nessas noites maravilhosas! Em que a dor é infinita, como corpos se abrindo em direção ao espaço, livres de todo empecilho. Que esvoaçam antes mesmo de terem tempo de tocar o chão. Mortos em pleno vôo. Em ascensão. Que as flores floresçam! É obrigação da natureza arrancar-lhes à vida. Mas serão sempre essas raízes tuberosas... As mortas de solicitude. Ah, e em abundância! Contas de um terço estelar. Estrelas fúnebres da paixão. Irreconhecíveis em seu féretro moribundo. Essas vítimas assassinadas do amor. A falência de todas as horas. Esse inconstante cessar. As últimas a serem disciplinadas. Tormentosa sirene de corpos na escalada da noite! Vapores, suores, mendigas dores. A longeva certeza cravada no seio. Intacta. *Alma mater* amorosa. Senhora de todos os seres. A borboleta que pende do galho petrificada, em movimento etéreo. Que rumor dissolvido em silêncio! E a indiferença que tudo isso causa. Como cansam as contemplações! “Contemplar te é proibido!”, assim falam os guardiões. Figuras patéticas alucinadas por um raio de luz, em seus claustros pálidos. Como tremem e arquejam por *sentir*. Ah, quando ultrapassadas as últimas alegrias, quando logradas as últimas solitudes, o que sobra de nós nesse momento? São divagações tolas... Mas deixem-me agir! Aqui, o sacrifício ainda é recebido com homenagens. Pelo menos em reconhecimento ao esforço titânico. O tirano único que ousou conhecer! Quando irradiam as funestas luzes, no umbral da porta quantos se voltam? É injusto que clamem por ti? Ah, o notório esquecimento! Tantos tormentos irreconhecíveis. Como lavrar a alma do sofrimento? Tenebroso fim... Funéreas virtudes do por vir. A necessidade plena dos amores, vícios, solitudes, tristes amplitudes. Os canhões impotentes ainda regurgitam balas, de pólvora seca. A necessidade premente, as vantagens alucinatórias. Rompe-se o dique que estava seco de água. E por amor ao paradoxo, deságua. Perdição eterna! Vozes que se somam a outras menores. Calores terríveis. Distanciados dos tempos, os relógios param. E em marcha lenta tocam em surdina. À noite, removendo templos...

Teria enfim, qualquer consequência?

## §

Aí está, eu havia experimentado —E por minha culpa! Toda a volúpia de ser escravo: Compus uma balada de amor e morte. Arruinei-me. E não foi em vão! Oh, mas terá sido? Pois que é tão difícil a salvação?! Não, arruinei-me. Transcrevo aqui apenas os meus últimos suspiros.

Foi, querer ter sido, poeta! A ruína mais completa, maldição! Chorei lágrimas de sangue. Bebi a água na fonte. Queimei os santos no oratório. Fui recebido por Deus e de lá expulso. Fui ter com o diabo, esse miserável, estendeu-me a mão e eu —nojo! —beijei-lhe. Ah, mas todo pecado será perdoado, até mesmo o diabo ter me tentado foi em vão. É inútil, senhores, já vos digo. Fui de encontro a um redemoinho, desarmado. Ah, mas que farei então? Farei sentido? Duvido. Calar-me é impossível, pois uma estrada tem início no primeiro passo. Calo-me! E sou ouvido.

Ah, homens, tenham pena de mim, pois que agora estou tranqüilo. Não, eu renuncio a qualquer gesto de dor, gemido, morrerei só.

*Para com o inferno a piedade!*

§

Quanta distância já terei abraçado? Ah, quanto torpor... É inútil continuar sonhando (terei perdido o melhor?). Serei novamente gênio? Nas horas de semivigília, no acordar de tantas sendas... A razão obscena, decaída e devota. Os loucos dançando nus... O grande astro a iluminar os mares revoltos... É engano, pena. A que mais me condena o mundo?

A trabalhos forçados, já entrevejo. Já que sou culpado, a cadeia! Já sinto sobre mim o peso do chicote! Ah, mas não sou fraco (nem tampouco sou forte), como todo mortal temo a morte, tremo todo. *Para com o inferno a piedade!* Não é uma cadeia esse mundo?

**BALADA PARA UM MORTO  
(PARTE 1)**



## **Intro**

Para mim basta  
O brilho das coisas vencidas.  
O belo não me agrada mais.  
Já vi mais palavras “coloridas”,  
Do que poderia suportar;  
A luz que me alumia,  
O sol que me enfastia...  
Entrego a ti as tuas fadas.  
Deixa-me morrer em paz  
Com meus demônios!

I

Escuridão de pasto que volveia os sentidos  
Vento crepuscular da aurora da noite  
Torvelinho de emoções sentidas;  
Encharca tua boca leprosa de vinho  
Dize aos nove mundos tua prece:

“Que venha o mar, tenho sede  
Sua volúpia não me arrastará  
Que venha o sol, tenho frio  
Sua chama não vai me queimar  
Hoje, dos quatro elementos,  
Quero me fartar!”

O olho do mundo  
Um gigante descarnado de luz  
O céu prepara seu próprio funeral  
As nuvens estão vestidas de vermelho  
Daqui a pouco, a noite se cobrirá de luto  
“Impressionante cotejo fúnebre  
São as nuvens que passam  
Carregadas de chuva  
E de negrume!”

Alegra-te  
Hoje, da carne de teu pescoço,  
Faremos um almoço  
Das vísceras desse animal morto.

## II

Fogo de morteiro.  
Pranto que não se afoga:

“A paisagem ocre está mudada.  
Vi metáforas coloridas subindo  
Um céu sem vida.”

Indiferente às estrelas brilha  
um descampado de natureza morta.

III

Eu quis o aço,  
o gosto áspero dos metais

Não me foi dada a primavera.

“Põe teu fêmur sobre a pilha e incinera!”  
—Gritei

(Cega pela luz a faca enterrada  
no peito  
à noite sangram os girassóis)

Como se fosse a aurora,  
a luz que ilumina o bosque  
o homem

A G I G A N T O U – S E

E perdeu a forma

O orvalho esquecido das horas tardou  
E a cigarra cantou os versos de outrora.

IV

Carne exposta ao vento e ao sol, a secar.  
Hirto de pavor, um surto de dor, que me cega o peito  
e chamusca a alma.  
Peixe fora d'água, dilacera-me as guelras  
A ânsia vã de respirar.

V

Convulsão de alma.  
O espírito está distorcido e abandonado.  
Em águas turvas se banham os condenados.  
E sua essência é espuma de um mar salgado.

“Um bando de éguas azuis passam trotando  
no meu crânio repleto de pensamentos vazios.  
Cego das coisas, eu me avizinho.”

A alma em pânico pede socorro e sai rasgando  
as entranhas —na verdade se agarra.  
Um fio de sangue lhe aflora à boca pálida.  
Apodera-se de si um terror inominável.  
Sinapse de neurônios desarticulados, suas têmperas latejam

(Segue uma série de movimentos em falso)

O ocaso entregue aos deuses da loucura e do cansaço,  
Um grito se estampa na cara

E numa golfada de sangue, escancara:

“Misto de oceano e búfalo o corpo se afoga em lágrimas.”

## VI-A PESTE

Fogo descendo da terra ao mar.  
Cobriu-se de cinza e sombra.  
Morte! Terror! Destruição! A peste que se espalha...

—“Veste tua mortalha homem comum!”  
O grito que se ouve por noites....  
Prisão! Açoite! Espírito pagão! Infâmia!  
Debela-se em vão a canalha...  
Ainda ufana-se de ti pobre e prostrado?  
Humano demasiado, assiste à própria desonra...  
**AOS DEUSES A QUEM PROCLAMA,  
ERGUE A ESPADA E DESCE O MACHADO!**

Lamento ignorado, prossegue-se a cerimônia.

## VII-SUS

Dor implacável!  
Junte-se a mim os fracos,  
os que perderam a razão!  
Anda! Levanta os braços! Caminha moirão!  
Que sabe de ti, estúpido palhaço, incalculável fiasco,  
rosna cachorro, com sofreguidão!  
Vai-te! Come teu pão!  
Que amanhã lhe falta...

*E vê se não lhe engasga a emoção!*



## VIII-REVELAÇÕES

*...E eis que vejo-me inteiro.  
Desprovido de carne.  
Feridas entreabertas e o sussurrar das veias e artérias  
Pulsando sangue.*

Toscas os corpos na luta,  
pouco a pouco acham-se cansados.  
Os aparelhos incinerados e dão por perdida a batalha:

“Por que os sons que ouvia ’inda agora,  
chegam já tão tarde aos meus ouvidos debilitados?  
Onde estão as fadas e os sinos,  
que cercavam condenados?”

“Havia campos, havia mares,  
de tão fulgurosa existência...  
Que há agora que se compare,  
senão desertos, demônios insulares?”

## IX-A ALMA

Prisão de incontáveis desígnios,  
a alma, encharcada de tédio,  
sofre muito para chegar  
num ponto qualquer.

Eqüidistante das estrelas.

X

Abrem-se os céus em desuso  
Uma carruagem enferrujada de anjos  
Longa linha que separa e une  
Rasgões de sangue pele carne & ossos

XI

“Eis-me aqui reunido à turba,  
dos que me olham com ares de enfado.  
Sou forte, sou alto,  
minha bandeira tremula em chamas  
—e desespero-me!”

—Preces contínuas ao inferno—

—Sangue de Cristo derramado—

“Viajante que passa!  
És o sol!  
Quero vê-lo engolfado em sombras,  
o corpo coberto de manchas,  
gritar meu nome!”

—“Descontinuidade!”—

Clama aos ares em fúria

—Sonsa pele que irá por toda parte—

—Paredes de aço amareladas—

Luta contra si mesmo... e sem alma...

“Uma bandeja de prata!  
Ofereço-lhes o momento do meu enfastio.”

XII

(A cerimônia das luzes,  
corpos em profusão ao som da  
sinfonia dos ruídos indizíveis  
—AO SOL.

Comunico-lhes o terror  
—O PÂNICO

Deuses imaculados sobre a mesa

A muralha dos tempos perdidos...

Ergo a minha cabeça e assisto

A CARNIFICINA).

### XIII

Longo caudal,  
Pira funerária ou fúria —  
Cresce.

**INTERLÚDIO (1)**  
**(DO AMOR)**

I

É chegada a estação do desânimo.  
Teria o amor,  
essa barca vogante,  
finalmente me aniquilado?

(Quilha tão fina corta o lago —  
e estremece a superfície.)



## II

Queria por fim todas as minhas dúvidas,  
entregar-me de vez a essa infelicidade —  
os corpos já lacerados,  
as tristes histórias,  
na loucura e no amor fatigados —  
ou seria melhor sofrer  
no peito as dores de um parto  
não realizado?

(Ó deuses! Demência! Diabo!  
Ainda que fosse possível aplacar sua ira —  
a ela fosse-me dado  
o menor sentimento de culpa!)

Se ao menos fossem felizes!  
Que importância teriam para mim,  
todos os sonhos e pesadelos do mundo?  
Se fôssemos PEDRA,  
quem tiraria de nossas costas  
o LIMO?

E sustentar um peso impossível...

De todas as nossas fraquezas, a pior das piores.

### III

Vê bem,  
a primavera trouxe  
os pássaros dardejantes  
do Norte.  
Envolta em soluços,  
a deusa desnuda,  
fria e carnal,  
lúcida como o vento,  
e de eternos abraços,  
deu-me a palma da mão,  
que beijei com hesitação.

\*\*\*

—Ah, não tivesse sangue em minhas veias,  
mataria tua sede, eterna traidora!  
Louca, insolente!  
Bebe tua água envenenada,  
dá-me tua boca,  
rogo-lhe,  
leva logo daqui  
esse pedaço de carne inútil!

\*\*\*

—Ah, deusa grega,  
miserável romana,  
filha bastarda do Norte  
Deixa-me!  
Lavar minha carne  
nesses teus lábios imundos!

#### IV-A MUSA

E de tão pequenina que era,  
imperceptível mesmo,  
e de olhos profundos,  
estreitos,  
e coberta de afagos,  
veio até aqui e encarou-me.

Dei-lhe o nome de musa.

Acorrei, acorrei aos milhares!

...E lançaram-me olhares de ódio e ingratidão.

Deitaram-me numa cama devidamente preparada  
para conter a minha loucura.

Ataram-me os pulsos e as pernas,  
amordaçaram-me a boca e olhos  
vendaram-me.

Fizeram correr incisões e ventosas  
o meu corpo todo.

Por fim julgaram-me CULPADO,  
o causador de todos os males,  
que a doença propagara.

E fui condenado.

—Mas ainda eu respirava quando baixaram o caixão!

E o meu peito ainda batia

—mais forte!—

e um só pensamento meu infectou toda a terra,  
quando finalmente me deixaram,  
meu corpo em direção à sepultura.

Cuspiram-me o cadáver —o amor!

O amor estava sendo preparado

—deram-me o amor!

Aí então me tornei a doença que tanto temiam.

## V-A LOUCA

A bela louca em seu vestido de sedas,  
veio até mim com suas garras  
e seu olhar de morcego  
arrastando asas  
por sob sua cabeleira loura e pálida,  
a louca,  
sorriu-me.

—Doze catedrais de aço em Paris verteram lágrimas—

A paixão rompeu os laços de misericórdia.

Rumores alados puseram-se em fuga.

## VI-DEMÔNIOS

Há um demônio esperando por cada amanhecer,  
se a noite não lhe foi pródiga &  
há um demônio dentro de cada um de nós  
a vir  
à tona.

VII-SONETO  
(O POSSESSO)

Na noite em que eu insone,  
anjo, quanto mais doce, infernal,  
a ti, quando invoquei teu nome,  
e vi surgir, do tédio, que é abissal,

ó musa dos enfermos, a inspiração  
que emprestas às almas condenadas,  
o vinho do esquecimento, o alcatrão  
de tuas saias perfumadas,

incendiaram-me de vez as narinas.  
E demônios como aves de rapina,  
o meu peito vieram assaltar.

E noite adentro fui levado,  
presa desse amor fanado,  
Belzebuth a te adorar!

## VIII-EU FRAGMENTADO

EU,  
Moribundo feto de vontades  
incubadoras  
De espírito indelével e falho  
Amante das cousas não duradouras  
Aos quatro elementos me espalho:

LÍNGUA LAMBE A NAVALHA  
CARNE ROMPE OS TENDÕES  
PEITO NÃO CABE NA MALHA  
NEURÔNIOS DESATAM EMOÇÕES!

Rompimento craniano do acaso  
Morbidez inveterada dos traços  
Glorificação dos termos da loucura

Que à noite torna espuma  
aliterada e fútil  
cobre de terra, excessos, inútil

Galga os montes de escória  
Roga dos deuses a memória  
Come o esterco dos dias

Rouba de si mesmo o silêncio.

**BALADA PARA UM MORTO  
(PARTE 2)**



I

Ainda preso à praia:

“Em que porto distante, nuvens, repousará  
minha armada?”

Cruzam silentes os barcos insones em manobra  
(na praia)

“Jus fará ao meu nome?”

As nuvens são nações de ódios

“Ah, venha tu, ó morte abençoada!”

(Faz calar a multidão dos cantores)

“A música das esferas!”

—Partem as nuvens em fuga

—Música que cai como chuva—

—Num país distante.

II

Acima da multidão,  
—bandeiras festivas—,  
um olhar de pedra ergue:

“Um sorriso ao pó despede!”

—vertigem, cor,  
    —pássaros de chumbo,  
        —pena,  
            —leve...

—Rumor—

“Ah, em breve! Tudo é som”,  
silencia...

—Neblina espessa que sobe os olhos e queima  
as pupilas.

### III

Templos de aço, trilhos sobre o pó.  
Colinas de mármore lambidas pelo fogo d'um amarelado cinza.  
“São tantas as almas em procissão!”  
Uma espessa neblina.  
Danças, sorrisos, enorme povo se aproxima:  
“Ei-lo! O senhor morto! Eis que vacila!”  
Estatuário tomba.  
Pedacos de carne viva.

#### IV

Insônia consentida,  
máquinas terríveis queimando  
as barrigas dos dormentes na ponte.  
Ilusão de ótica, rodopio de flechas,  
a noite nebulosa.  
Caminho a um passo assassino,  
entre rochas,  
de metais à flor-da-pele,  
rosas.  
Todas as coisas sensíveis ao toque.  
Abro o olho de uma imagem apodrecida na memória.  
Os pés sangram.  
Noite infinita por onde ando.  
E beijo estátuas.

## V-DESCIDA

Luzes fugidias de aço cintilante,  
punhais metálicos de frio,  
melancólicos pontos cortando vastidões.  
Tristes senhoras cingidas de véus,  
nuvens,  
lançando-me olhares,  
atroz.

“Sombria sensação”.

Subida ao cadafalso.

A contemplar,  
filão de cidades re-esquecidas,  
pulsos ratificantes,  
rasgões de seda no véu da nuvem-estrela cinza  
mesclada de chuva  
de noite vestida  
O parapeito aberto de mármore  
os braços apontando,  
direção.

“O vento sente o cheiro da carne.  
E o meu suspiro é beijar-te”.

“Sombria sensação”.

Descida.

## VI-CANTO-DANÇA

Danças da carne, sangue.  
Cruéis como são todos os amantes.  
(Dar de comer ao fogo,  
“Oh, decrepitude sonhada!”)

As noivas distantes.  
Ouço chamá-las os homens.  
 (“A eternidade alcançada”)

Fúrias são os lamentos das jovens.  
Gemidos tonitruantes.  
(“Tudo é perdido,  
o próprio instante.  
A infinitude encarnada!”)

Erguem-se as cruzes.  
“Imolação”.  
Calma e volúpia.

Erguem-se brados como animais selvagens.

Luta, luta, luta

Adoração.

—Mar,  
amplidão.  
Noite perdida.  
Ilusão.  
Alvorada de sangue, rasgando.  
Encardido silêncio.

## VII

Lua majestosa ou sol estival.  
De novo aos pés do bronze  
és ridícula esmigalhada.  
Ah, adorno dos deuses,  
ó prantear das estrelas  
a tingir de luz o firmamento!  
Frágil desesquecimento,  
na melhor das hipóteses,  
cálida,  
quem tremeria ao som  
dos teus rugidos-tambores?

Pores do sol,  
manadas de elefantes,  
tísicos amantes,  
róis da tua alma,  
filha imprópria,  
hora-errada,  
sentimental ignara,  
atéia-fogo por instantes.

Ver surgir a noite clara,  
túrgida de sangue,  
lua opala os teus pensamentos rudes —  
quando a tua mão afaga,  
onde os teus olhos se escondem?

## VIII-ANAXIFORMINGES

Olhos de chumbo ou mel, beldades  
sobre a terra  
cantam as macieiras  
que foram perdidas  
na flor  
da idade  
soluços como água, vento  
cortando as feridas  
lanças de aço e PÓLVORA  
—nenhum lamento.  
Saem ao meu encalço  
O cão e a hiena.  
Pasma, plasmado, acena:  
“Mas rompam-se os tendões!”  
Morno cai no chão  
(com gáudio e estardalhaço)  
“Quando os ramos negros da noite  
tocarem seus cabelos,  
ANAXIFORMINGES!  
Olhos fixos no firmamento;  
são minhas lágrimas,  
águas turvas que se juntam a nuvens pálidas  
—num dia cinzento.”

A procissão corria bem,  
graças ao acaso  
dos lábios que roubaram  
os frutos da cerejeira.



IX

*Aonde andarão os gigantes sibilantes d'outrora?  
E os salteadores da orla-marinha?*

Admirável de se ver!  
Visão miraculosa,  
a cornucópia rediviva  
seres de água, espantalhos  
de palha dançando  
em volta de olhares e ouvidos  
balançando as nuvens  
olhos vesgos sob o céu  
de um azul límpido e puro  
avança o sereno  
homem encarcerado  
“Custa-me o ardor da luta  
Essas cicatrizes não pagam  
O que me foi ofertado é pouco  
O corno dos deuses dourado”

O corpo fundido em dois  
Trespasado de luz  
Gravitam em torno de si  
Gigantes e nibelungos.

X

“Ah, o étereo vento!  
A borboleta petrificada de luz  
em pleno movimento  
a pender do galho!”

—O pólen reflorescido,  
a copa das árvores,  
noite que tudo escurece—

“Eleve-se pois das alturas!”

—Raio ou relâmpago,  
risco de fogo,  
limalha de céu oculto,  
explodem as estrelas.

**BALADA PARA UM MORTO  
(PARTE 3)**

I

Peles sujas de gelo  
No meu camarim carmim  
Dilatam-se pupilas

E peles apodrecidas.

## II

“Cinza o céu, cinza eu, cinza  
o espaço.  
Abrem-se num abraço  
o firmamento e as estrelas.  
Deus!  
Carniceiro e carrasco,  
aqui em baixo,  
sofrerei de todas as maneiras

O fio da tua espada.”

—Vem o vento e anuncia.  
Pássaros tombam pesados.  
O que era belo morria.  
E ele anda:

“A perfeição engana.  
Estás só!”

### III-A QUEDA

Amante do vento,  
a sua lembrança  
o trouxe de volta:

“A morte, a guerra,  
tudo foi em vão.  
A primavera, a relva  
florindo pelo chão.  
A luz, o calor do sol ressequido,  
as minhas mãos trêmulas  
anseiam por —  
*TERRA.*”

E então ressuscitado:

“Anda a pé o soldado!  
Dos deuses ignorado,  
a missão é cumprida:  
Vida,  
restituída a ilusão!  
Novas canções serão ouvidas.”

#### IV-CANÇÃO DA TERRA

A árvore esconde debaixo de si  
Os maiores tesouros

Todos os amores tornam à terra

Até a morte desde o nascedouro

*Se esforçando o homem erra.*

## V-CANÇÃO DO SOL

Abro minha alma ao sol  
Monstro florido e róseo  
E eu pálido de amores.



VI

“Vento, ah, vento!”  
—Sangue fresco sobre o chão.

VII-CANÇÃO DA CHUVA  
(O Afogado)

Alimento divino, o infortúnio lamenta  
Na vaga profunda, a insustentável tormenta  
E naus à deriva o tem navegado  
O oceano, mar de chuva, senhor e escravo  
Tantas vezes ido e tornado  
Furacão e sombra:

“A noite escureceu o abismo  
Agora sinto em meu peito o gosto salgado  
O mesmo amargo que há em minha língua,  
Corrente ou força divina  
Do horizonte me há arrastado.”

As fontes sobem os cimos mais altos  
E depois desabam.

## VIII-CANÇÃO DO NAUFRÁGIO

"Álcoois!",  
sussurram em pranto os mortos  
de sede e  
fome  
nafraga a nau —  
estilhaços e rastros  
de sangue  
nos lençóis

(e zune  
— dormita—  
a mosca tapando um  
buraco de sol  
por onde trafegam mastros  
de cores cintilantes e onde  
marujos bêbados ainda  
entoam canções.)

IX  
“*Readiness is all*” – Hamlet, Ato V, Cena II

Arde um gosto acre ao respirar as narinas  
de cavalo avantajado em fuga  
A fumar —nuvens de areias escaldantes

(Retorcidas as últimas apedrejadas  
primaveras intactas)

Toque ao celebrado momento o galope  
que como um raio vem retirar-me  
e lançar-me no imenso teu corpo vazio

(Uma lembrança há muito regateada  
um abraço, forte como um coice —  
em disparada):

“Habitado que estou a pisar em espinhos  
não reconheço mais o odor das flores.”

X

Ferro brasadormecida  
crostas e encostas enegrecidas  
Eu!  
pétrea-estupidificada  
ensandecida  
brutamolecida  
rosa  
"molusco".

XI-RARO

Pesada a fronte  
Como por um raio  
Iluminada a noite

*RARO.*

Ao pé do monte.

XII

À vista do cadafalso  
pistas, sons, assim  
e s p a c i a l i z a d o s —  
Esse sangue coagulado  
em minhas mãos  
Um lago sem fim

Borbulhando.

### XIII-O CAMPO DE BATALHA

Falsificada,  
combalida e nua  
(ou apenas como im-  
pura poesia)  
a verdade esmagada  
ressurgirá do pó  
em que foi lançada  
—junto com o tempo—  
e essas palavras  
—insones.

\*\*\*

Uma pura mentira,  
feita de nada  
—Mas como brilha!



## **INTERLÚDIO (2) (PEQUENAS BALADAS)**

Querer ser outro  
Cortar campos e comer trigo  
recém-colhido  
pela mão —

Ir ser infeliz em outro  
Canto.

A magia?  
A magia é estar vivo  
para o mundo  
Dizer para si mesmo e bem  
alto:

Eu valho tanto,  
que me acalmo  
em ser eu mesmo.

Espero  
Que mais espero?  
Desespero que  
a folha seca bata de novo  
à porta de gelo.

E em linguagem clara

—aos olhos bárbaros  
de cimitarra—

Faça falar

(Doce segredo).

*E o mar que nunca chega  
à essa praia gelada?*

Não reconheço o sal  
dessa água  
Pária, nada é minha  
morada  
Tudo é só pó,  
estrada  
Que eu nunca  
pisei.

Todas as ilhas distantes  
Todas as caras pálidas

—E apesar de ensolarada  
a alma—

Um porto fechado  
Pronto para partir.

Nunca alcancei o outro lado.

Não,  
Essa ânsia não será interrompida.

Nem essas cadeias de aço.

Procuro um palco,  
Dê-me espaço,  
eu lhe mostro os dentes.

Eu bebo essa água ardente.

Eu não meço o grau das palavras.  
Eu não procuro o Graal.

Eu não peço escravas

Peço almas

Peço salvas

De palmas.

Você,  
que organiza e  
desorganiza minha vida  
Você

C  
A  
O  
S,

Mulher,  
dócil e agressiva,  
que fiz eu para  
te  
des-  
merecer?

6

"—Quem agora cem *rimas* não tiver,  
Eu aposto, sim,  
Estará perdido!"  
(Nietzsche)

Aqui rolam-se  
essas pedras  
num passar de águas  
claras.

Aqui pranto e  
acalanto  
se irmanam  
em ribanceiras  
rasas.

Para onde o refluxo  
(quando acaba)  
qual nascente  
hino,  
sagra.

## 7-QUADROS

### Tríptico de Bacon

#### I

O que esconde esse teu rosto  
Que não podemos fitar?  
O que procuras dissimular  
exilada num córner qualquer triangular  
e encurvada?  
(Uma ressaca brava...)

Por que olhas esse ponto, por quê?  
Porque parecees querer voar  
—mas não podes—  
anjo torto  
e contorcido  
a lembrar uma mulher

que amamos um minuto antes  
de nos desesperar.





## II

De olhos vendados  
A Fúria  
GRITA

Seu nome

Um passeio pelo paraíso ou  
Inferno  
de delícias.



### III

Grita mais  
Grotesco piano de cauda  
Em carne e osso  
A espatifar melodias  
de som mudo pelo ar  
Grita

de dor, alegria, remorso, culpa  
ou gozo  
ou apenas  
Grita.



NÃO, POETAS  
você não são Tirésias,  
mas falsos  
profetas  
a embalar os homens  
em seus versos mel-  
odiosos

Não, você também  
não são  
pássaros—

Porém, cuidado!  
A esses,  
de vez em  
quando,  
*le perforan*  
*los ojos*  
para melhor ouvir seu  
canto.

## 9-FÁBULA

No alto daquela montanha  
à noite gris  
no meio de  
nenhum lugar  
há pássaros  
de pio lento  
e raro  
estofa negro &  
pálido  
matiz—  
que voam longe  
e só pousam  
para descansar.

Entre prantos  
—quantos?—  
Panos sujos  
—brancos—  
—pântanos—  
Passeia a alma.

Rara,  
*qualia*,  
—e adorada.  
(Até quando?)

## 11-EM FRENTE AO MAR

Numa praia em frente ao mar  
Um homem e uma mulher  
Brincam de ser eles mesmos  
A noite toda e o dia seguinte  
Entre conchas, e bancos de areia e pedras e restos de ondas  
Inutilmente

Só é verdadeiro o mar.  
O homem, a mulher, e o promontório não existem.

## 12-VERÃO

Porque eu não posso esperar retornar  
A esse verão ardente  
E as palavras caem da minha boca  
Como pétalas esmaecidas num jardim de inverno  
(As palavras já caem velhas)  
Nisso eu não creio, porém persigo  
Os poetas só podem ser profetas de si mesmos e adivinhar  
Seus próprios destinos.

**BALADA PARA UM MORTO  
(PARTE 4)**



## I

Agora vem à vela,  
O peso lasso  
Um passo em falso e  
tomba  
Levanta & voa  
Como se fosse um pássaro  
A rir à toa  
Tudo de novo/vivo ou  
morto  
Ao amanhecer do  
dia:

“Nada há de tão ralo  
Que não permaneça  
A todo lugar disparo  
Sem que de mim me esqueça”.

## II-REINAI NESSA CANÇÃO

“Tanto lido, tanto  
Campo em que vagueio  
Sem mar, sem norte, sem estei-  
O meu canto de morte/ressur | rei-  
ção, santos os devaneios  
De um homem são | Ai | n-  
da sem nome-entoa | Es | s-  
a canção.”

### III-DANÇA

Rosaespinho, rosalegre, rosa-defunto  
Rosa, e ele dança  
Cor, cheiro, unha, leve  
Como uma cerveja *Weiss*

“O presente rudemente intervém  
Agora nunca mais —evapora  
E já —mais retorna

Outra fibra  
(ou libra)  
(ou *pint of beer* )  
—Admirável!  
A vida não foge —  
Vibra.”

#### **IV-BROKEN BALLAD**

Uma balada como qualquer outra  
Uma balada solta, louca  
Costumeira e arredia  
Que interfira nesses dias em que  
    Chovecorre uma matéria mole  
    Da janela que avista o dia  
*Broken-ballad*  
Uma balada alegre que brote  
Desse peito enorme-inerme  
E explode irradiante  
Da beleza ajoelhe e açoite  
Se provar for ela belaamarga dama  
Sem razão de ser alguma  
Uma balada como essa  
Traga de novo a fonte  
Que recomeço algum acaba e  
(Traga) como poesia-água esfumaça e  
Funda e corre e (solitária)  
Soa.

V

Demônios, Blake  
trombetas, o oceano-sono  
passeia nessa  
tarde insana  
que  
sonha o som  
com sede exangue.

VI

Por que volver ao labirinto?  
Por que essa água revoluta e  
*caliente*  
esses olhos que não dão mirada?  
Por que preferir estar com os mortos  
—Malcolm Lowry—  
do que vivos?  
Porque a vida, ensimesmada,  
me fascina  
como um porto  
que já não alcanço  
à hora da partida  
sempre ida e volta  
não resolvida  
e canto  
feito um louco  
por amá-la assim  
mais ainda  
    além  
aquém  
outro  
    alguém  
outra vida.

O passado sempre é tão mais intenso  
e pleno  
e cheio de sentido!  
O presente,  
não duvido,  
é olvido  
e névoa:

*Sólo es real la niebla.*

O futuro é ação  
que se projeta  
e se enche novamente  
de passado  
VIVO  
labirinto  
o tempo:

Metafísica de um cão.

VII

Força hercúlea  
Ou  
Frágil-  
Idade

"Tenho uma galáxia dentro de mim"

(Ri)

*"Ritornare"*.

## VIII

Vai balada, vai  
Vê no cristal a fala, o teu fado  
Canta!  
O que te falta?  
(Graça, riso, pranto?)  
Vai!  
Não foste?  
Temes a carne?  
Acaso não sabes?  
Por mais afiada a faca  
Não fere o covarde  
Vai!  
Ardeanda  
Incendeia &  
Dança  
Alardeando versos tropeçando em chamas

Vai e fere  
Feminina lâmina  
Pluma temerosa em fender o espaço  
em branco!  
—Improvável como um canto é  
O mar-anzól

Verão nenhum ou coisa inanimada  
Ruminar as noites insensível ao tato  
O vento-nordeste esfriar as costas  
Estremecer o asfalto alinhavar as caras  
Laço ou ato, enfim, infindável.



IX

Agora rumor novo transborda em  
Insensato corpo  
Parto/barco desmorto  
Despai desfilho cego enfim ou  
louco.

## X-POESIA ACIDENTAL

Essa poesia  
Afunda  
Os dedos na carne  
E se entreabre.

**BALADA PARA UM MORTO  
(EPÍLOGO)**

I

*A pólvora espalha o pó no campo de batalha  
E eu só —pulha— à muralha,*

*Enamorado da hulha.*

II- A ALQUIMIA DO VERBO

A palavra pólvora a zumbir nos meus sentidos

Não a pólvora, mas a palavra

Não a palavra, mas o som

Ecoa

*Com uma balada, com uma balada*

Ave-voa e

Palra / Paira

No ar

Um imenso fedor

Uma nuvem de enxofre & belo

Negror:

O pó  
da palavra.

### III

Para além dos telhados  
Bocas  
Sôfregas  
Barcas Brancas  
Ao largo

Que o furacão/cólera res-  
Suscita:

“À boca calada a aurora  
Os passos as cordas vibram  
O meu semblante oculto  
Em surdo monótono ritmo EX-  
CITA!”

Não há mais nada agora...

#### IV-A CANÇÃO DO NAVIO

Luzes no reboque  
à praia  
faroleiro louco  
um signo superposto  
    ao outro  
gira, tonto  
    cansado de tanto  
girar

*Não importa os mares distante  
o navio tem de singrar  
não importa a distância  
    a ânsia  
de chegar  
    a nenhum lugar*

## V-CANÇÃO DO RIO

Como a um rio acorrentado  
Forçado a ir em frente  
Mas, sendo ele capaz, de  
Com seu próprio pulso  
Mudar o curso

## VI- CANÇÃO DO INSTANTE-DISTANTE (Lírica)

Canto, pois não me contento, diante do espaço vazio, contemplar  
O vento, a lua —milha que flutua— em ascendente posição  
Sob a névoa amarela, poluída e bela, no céu-oceano  
Trespasar o aero/plano, sem que os apanhe!



VII

Uma canção, talvez a última  
Antes que o domo azul escureça

O poema findará em harmonia

—Disperso, o meu guia será  
também o seu guia

Água que a noite esfria,  
Mas não esfria o meu verso.

## VIII-ELEGIA

O sol no topo dos edifícios  
—Na parede de tijolos  
Tremulando,  
As sombras das árvores que brincam  
Com o vento:

Outono.

Elegia, meu Deus, para quê, elegia?

## IX-ENVOI

Canta a estrela mais baça  
Um canto cheio de graça  
E na floresta mais densa  
Canta também um poema

Assim como tal o poeta  
Embora estranho pareça  
Ergueu a sua cabeça  
Para si mesmo esquecer

*No universo frio e profundo  
(Um murmurinho mudo)  
O animal vil e imundo  
De sangue, gemido, e uivo*

*Um dia vagando sem meta  
—Antes de apodrecer—  
A plenos pulmões gritou  
Seus versos de ódioeamor.*

*Fim de Balada para um Morto e Outros poemas.*

## ANEXOS

### HISTÓRICO DE PUBLICAÇÕES

“Translated versions”. *The Mag – Revista eletrônica internacional de literatura*. Estados Unidos, verão, 2004.

[http://www.muse-apprentice-guild.com/summer\\_2004/poetry/lauro\\_marques.html](http://www.muse-apprentice-guild.com/summer_2004/poetry/lauro_marques.html)

“Poemas”. *Storm Magazine – Revista eletrônica de cultura*. Portugal, nº 17, maio-junho, 2004. <http://www.storm-magazine.com/>

“Balada para um morto – Fragmentos”. *Revista Cult*. São Paulo: Editora 17, ano VI, nº 73, p. 62-63, 2003.

### FORTUNA CRÍTICA

#### **Comentários de Affonso Romano de Sant'Anna(\*)**

*Sobre Balada Para um Morto & Outros Poemas*

“Lauro, chegando do Irã, dei uma lida [...] nos seus textos [...]. Fui lendo e me impressionou muito. Você sabe das coisas, tem garra, está fazendo algo bem pessoal. Tem uma rara força verbal entre o profético e o estilo Nietzscheano de Zaratrusta.”

*Sobre o poema Fábula, nº 9 de Interlúdio (2)*

“[...] no Irã subi a montanha do Templo do Silêncio onde seguidores de Zoroastro celebravam há 2.500 seu culto.”

“A coincidência, Lauro, está em que no topo do Templo, havia realmente um iraniano com uma pomba branca nas mãos, assustadíssimos, os dois.”

(\*) AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA, na apresentação de Márcia Denser, escritora e pesquisadora:

Poeta, crítico e professor Affonso Romano de Sant'Anna, um dos principais teóricos brasileiros e analista da cultura (*Barroco: do quadrado à elipse, O Que Fazer de Ezra Pound?, Desconstruir Duchamp*).

Presidente da Biblioteca Nacional de 90 a 96 criou o Sistema Nacional de Bibliotecas e o PROLER; como diretor do Departamento de Letras e Artes da PUC/RJ organizou, nos anos 70, a pós-graduação em literatura brasileira. Professor em várias universidades brasileiras (UFMG, UFRJ, PUCRJ), deu cursos no exterior nas Universidades de Los Angeles e Texas (USA), Köln (Alemanha), Aix-em-Provence (França); lançou a revista Poesia Sempre de circulação internacional, é autor de cerca de 30 livros de ensaios, poesia e crônicas.

### **Comentários de Valdir Rocha (\*)**

“Prezado LAURO MARQUES,

“Li seus textos, com calma. Apreciei bastante. Têm densidade. Dizem muito.”

“A *Revolução* que diz ser ‘poema em prosa’ talvez seja mais propriamente prosa poética. Remetem-me ao *Livro do Desassossego*, do Fernando Pessoa, por conta das divagações — muitas delas cifradas, como no seu texto (‘A nova linguagem será cifrada’; ‘Causa-me horror a transparência das fórmulas acabadas’).”

“O seu *Post Scriptum* e a *Balada para um Morto* me remetem aos *Poemas Póstumos*, parte dos ‘Testamentos’, do vivíssimo Celso de Alencar.”

“De sua *Balada* [parte 1] destaco a seqüência IX: A Alma. Muito bom.”

“Você capturou bem a Bacon, nos *Quadros* I, II, e III. Suas palavras também gritam, fazendo eco à pintura dele.”

(\*) VALDIR ROCHA é artista plástico, escultor, desenhista, gravador (com ênfase na xilogravura ou gravura em metal), pintor, editor. alguns dos livros, recentemente lançados, sobre sua obra incluem: "Cabeças", São Paulo: Arte Aplicada, 2002 e "Gravuras em Metal - Valdir Rocha", São Paulo, Artemeios: 2002.

### **Comentários de Jorge Anthonio e Silva (\*)**

*Sobre o poema O Campo de batalha, XIII de Balada Para um Morto (parte 3) :*

“Sinto nele um momento de tristeza ou de descrença muito grande do autor. Ao mesmo tempo, ele me passa a sensação de que existe uma expectativa de triunfo em uma espécie de torpor, no qual a verdade não cabe muito bem. Talvez a palavra falsificada tenha uma relação pouco estreita com a palavra verdade, pois esta é sempre absoluta, e a falsificação seja algo transitório, porque a verdade deverá triunfar sobre ela, eticamente. Mas acho que esse dialogismo, essa cisão que o poema apresenta seja um espelho do autor, um pergaminho pessoal muito bonito e com um desejo confessional de uma mudança. Essa mudança pode ser de uma situação universal de tédio, descontentamento, impotência para a ação e espera, ainda que no estado de pouca lucidez, porque algo continua ‘insone.’”

“[...] acho lindo o poema, verdadeiro e, mais que isso, um desabafo.”

(\*) JORGE ANTHONIO E SILVA é escritor e doutor em Comunicação e Semiótica pela PUCSP. É autor dos livros *Arte e Loucura — Arthur Bispo do Rosário* (Educ/FAPESP); *Naive Painters Brazil — Ivonaldo* (Empresa das Artes), *Fragmento e Síntese — A educação Estética do Homem* (Perspectiva). Pesquisador e editor de *Aisthesis — Revista de Estética*.

### **Comentários de Alberto Pucheu (\*)**

*Sobre poemas do livro em progresso “Em Certezas”:*

“Seja no encontro com Tarkovski, Nietzsche, Cabral, Deleuze, e mesmo, claro, nos outros poemas, sua poesia busca o pensamento em sua simplicidade possível. Com ritmo, economia e elegância. Parabéns.”

(\*) ALBERTO PUCHEU nasceu no Rio de Janeiro, em 1966. É escritor e Professor de Teoria Literária da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Publicou os seguintes livros, entre outros: *Poesia: Ecometria do silêncio* . Rio de Janeiro: Ed. Sette Letras, 1999. *Escritos da Indiscernibilidade* . Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2003. *Guia conciso de autores brasileiros* . Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2002 (com Caio Meira). Organização de livro: *Poesia(e)Filosofia; por poetas-filósofos em atuação no Brasil* . Rio de Janeiro: Ed. Sette Letras, 1998. (com Adélia Prado, Alberto Pucheu, Antonio Cicero, Fernando Santoro, Marco Lucchesi, MD Magno, Orides Fontela e Rubens Rodrigues Torres Filho).

**“Em Certeza”**  
de  
**Lauro Marques**  
(WORK-IN-PROGRESS)

*I cannot infallibly know that there is any Truth.*

*C. S. Peirce*

## ANDREI RUBLEV

(para Tarkovski)

Inútil,  
como um pintor de ícones  
na Rússia, dois mil anos  
depois  
de Cristo

O corpo  
pesa mais  
que a cruz

A Alma  
nada pode  
salvá-la

A vida  
nada fiz  
senão  
orná-la

Como um pintor de ícones  
Como um pintor de ícones  
que o valha

*Noite feliz*  
*Noite feliz*

....

*Dorme em paz, ò Jesus*  
*Dorme em paz, ò Jesus*



## A ALMA

Que me importa a alma, essa  
vagabunda ignota?  
melhor seria destilar  
outra  
melhor maneira de escapar  
à louca  
agonia de viver  
sem saber porque  
habitamos este lar  
à solta  
hesitando entre  
a imensidão do mar  
e  
a nossa.

## O INTELECTO

Com a máscara decaída da beleza,  
o intelecto  
despe seu manto e  
com rígida destreza, traça  
nu, o espanto  
da paixão insurrecta  
dos corpos estalando  
em alcova obscura.

## INFÂNCIA

*(para Soares Feitosa)*

Fogo-infante  
deixe  
à beira do  
caminho

perdido no  
lodo

entre hoje e  
ontem.

## INFÂNCIA (II)

Fogo-infante deixe, à beira do caminho.

Perdido no lodo, entre hoje —e ontem.

## UNGARETTI

Ser como  
Ungaretti,  
dizer coisas,  
breve

e pleno de amor,  
em uma  
trincheira de  
neve.

## O LEOPARDO

O som de um farrapo  
sendo rasgado

violento e rápido  
como um relâmpago

O LEOPARDO  
CAI  
cai sobre sua vítima:

antipessoal, mas não antipessoa.

### A VERDADE N° 33

A verdade, meus amigos,  
a verdade.  
Estamos todos metidos  
em nosso sonho impossível  
de milagres e rosas...  
*Felicidade e procriação!*  
Quando o bate-estaca substitui  
o bater dos sinos —  
mas não o reverso.  
Esse universo não será estação.

## PRECE

Não sabes a que veio, não Tu  
também não sabes o que fazes  
Aquele só saberia da garganta  
aberta, à hora em que o nó apertasse...e  
Liberta o sol a sombra que move e  
esconde a serra que sobe por detrás  
da névoa  
quando chove.

## A AMADA

*(para Monica)*

Antes de ti não havia paraíso  
ou mito de jardins suspensos,  
não  
havia grito,  
ou casa,  
a aquecer minha  
alma vaga:  
antes de ti não  
havia nada.



## SEM SALVAÇÃO

*(para João Cabral de Melo Neto)*

O poema veio para mim hoje  
como faca de lâmina afiada  
ao reverso,  
ou arte,  
essa palavra  
avara,  
e sem nenhuma...  
salvação.

## O PENSAMENTO

Mas não podemos  
evitar  
o sereno  
quando a tarde cai —  
o pensamento é como um pouso.  
De novo e sempre  
no mesmo ponto,  
sendo diferente.  
O que mudou nesse meio-  
tempo entre um verso e  
outro, que posso Eu  
dizer de seus  
olhos?

**AULAS DE RETÓRICA DE NIETZSCHE E DELEUZE  
(A FLORESTA)**

*(“Poema-colagem” para Silvio Ferraz)*

Fora do mundo existe  
A Floresta —  
    *Foresta*  
    *Forestière*  
    Forasteiro

O que existe onde a água vira céu?  
“Música concreta”  
“Pedra que fica leve”  
“Povo que falta”  
“Presente (puro?)”

O que você encontra sempre  
É a linha de fuga.

## ELEMENTAR

Ver com os olhos  
Abertos da mente  
É muito mais do que  
Ver  
Simplesmente.

*Um canto lento alguém entoia...*

## ENERGIA ESCURA

Sim, nós temos sido empurrados,  
até aqui,  
nesse ponto perdido do espaço,  
por alguma forma de  
*energia escura*,  
que não sabemos direito  
o que é,  
nem como funciona,  
mas que compõe 70%  
de nosso universo,  
e o impulsiona,  
o que,  
ultimamente,  
o levará a seu fim,  
num *big crunch*.  
Olá,  
você ainda está aí?  
Não,  
isso não é só  
poesia.

## **AINDA NÃO**

Um fio de cabelo  
branco brotou no meu peito.  
Tu, coração, velho?

**26/12**

Vinte e seis do doze:  
Somos nós, agora,  
O que restou do Natal.

**RILKE**  
**(UM CANTO)**

Como o falcoeiro Rilke,  
Eu vivo também minha vida em círculos crescentes,  
À volta de uma torre alta e antiga,  
Por muitos milênios,  
Indeciso de quando irei pousar, e,  
Se tanto,  
Irei completar meu vôo;  
Esquecido de minha própria  
Substância:  
Pássaro,  
Ar tempestuoso,  
Ou somente esse impreciso,  
Impreciso canto,  
Nem formidável,  
Nem novo.



## O QUE É ÓBVIO DAS CORES

O que é óbvio das cores,  
segundo Monroe Beardsley,  
apenas o cego desconfia:  
    que o laranja aquece  
e o azul  
    esfria.

## A CRIANÇA HUMANA

*Vem, ò criança humana  
Para os ermos e as águas,  
De mãos dadas com uma fada*

Pois a ajuda pode demorar  
Entre uma bomba & outra (e  
Deus, irá assumir  
Esse atentado?)  
E corres o risco de ser estuprada.

Certo, Sr. Presidente,  
“Não atiremos o pau no gato”  
Mas o Sr. não deveria investir  
Mais em saneamento básico?

*Pois o mundo é mais cheio de dor  
Do que podes  
Imaginar*

*Pois o mundo é mais cheio de dor  
Do que podes  
Suportar*

Quando amanhece os pássaros  
da mesma espécie  
cantam  
para informar  
aos outros  
que eles também  
sobrevivem.

## NA CIDADE INSOSSA

Na cidade Insossa  
jorra o petróleo  
e o sal se acumula no ar  
e nas casas não há esgoto.

Não há placas de trânsito nas ruas  
nem ônibus circulando;  
Há muros caiados de branco extensos  
cemitérios e mendigos  
perambulando.

Há estradas esburacadas e políticos  
íntimos demais;  
Bicicletas e carroças de animais  
passeando.